



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Antirracismo e Serviço Social

**ASSISTENTE SOCIAIS E A LUTA ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO: DIMENSÃO EDUCATIVA
NO TRABALHO REALIZADO NO ÂMBITO DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO.**

IOLANDA NEVES¹

ADRIANA GIAQUETO JACINTO²

RESUMO

O texto aborda o papel fundamental do Serviço Social na educação, destacando a importância de práticas antirracistas. Com base na perspectiva gramsciana, a discussão enfatiza a necessidade de uma transformação social que desafie a hegemonia burguesa e promova uma nova ordem social. O Serviço Social, ao se engajar criticamente na política educacional, pode contribuir com a construção de uma sociedade justa, que respeite e valorize a história do povo negro e supere as desigualdades.

Palavras - chaves: Serviço Social; Trabalho profissional; Antirracismo.

RESUMEN

El texto aborda el papel fundamental del Trabajo Social en la educación, destacando la importancia de prácticas antirracistas. Basado en la perspectiva gramsciana, la discusión enfatiza la necesidad de una transformación social que desafíe la hegemonía burguesa y promueva un nuevo orden social. El Trabajo Social, al involucrarse críticamente en la política educativa, puede contribuir a construir una sociedad más justa, valorando la historia y la contribución del pueblo negro y promoviendo la emancipación humana.

Palabras clave: Trabajo Social; Trabalho profissional; Antirracismo.

¹ Universidade Estadual Paulista

² Universidade Estadual Paulista



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

1 INTRODUÇÃO

A partir do que tem sido vivenciado nas últimas décadas, em relação ao crescimento das tendências conservadoras, principalmente no Brasil, torna-se urgente a discussão sobre a transformação de nossas ações e dinâmicas do cotidiano. O sistema capitalista esfacela nossas relações sociais e as mantém estratificadas, a fim de se manter em nossa sociedade. E com isso, o que temos é um grupo bem definido que sofre todos os rebatimentos da questão social: pessoas negras.

Nesse contexto, a concepção gramsciana de hegemonia se torna particularmente relevante. De acordo com Gramsci, a hegemonia assume uma natureza multifacetada, englobando uma série de arenas de disputa. Dessa forma, não é algo inerente, mas sim algo que requer conquistas contínuas. Gramsci argumentava que as elites intelectuais desempenhavam um papel crucial na formação e na disseminação da hegemonia cultural, mas também defendia a necessidade de uma "intelectualidade orgânica" que emergisse das próprias classes subalternas para desafiar e transformar as estruturas de poder existentes. Um intelectual orgânico não apenas compartilha as experiências, valores e interesses do grupo social do qual faz parte, mas também trabalha em prol dos interesses desse grupo. Ele ou ela não é apenas um pensador e articulador de ideias, mas também um ativista e líder dentro de sua comunidade (Gramsci, 2001).

Gramsci explorou como as ideias, valores e normas culturais de uma sociedade são moldadas e difundidas por meio de instituições como a educação, a mídia, a religião e a arte. Ele acreditava que a classe dominante estabeleceu sua hegemonia cultural ao influenciar a mentalidade das pessoas, fazendo com que aceitassem e incorporassem suas ideias. Dessa forma, ele examina como o poder é estabelecido e preservado não somente através da força física, mas também por meio da persuasão cultural e da adesão ideológica, ressaltando a relevância da resistência e da criação de alternativas para contestar a hegemonia predominante.

O pensamento Gramsciano nos coloca para refletir que a supremacia política de uma classe ou grupo social sobre outros não se sustenta apenas pela coerção física ou legal, mas também pela dominação cultural e intelectual. Sua obra explicita claro objetivo pedagógico, no sentido de instrumentalizar a classe operária para que ela assuma a consciência da própria história e seja protagonista da sua emancipação. Nessa linha, Jacinto (2017) evidencia que Gramsci destaca a importância do papel do intelectual na luta de classes e no desenvolvimento da ação revolucionária.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Neste sentido, o pensamento de Gramsci nos traz que, se a burguesia constrói seus meios de coerção pela cultura e pelo intelecto, é preciso que fiquemos atentos ao que difundimos enquanto cultura, visto que a ideologia do neoliberalismo se emaranha em todo o tecido social. Noticiários, jornais, revistas, o ambiente escolar, são todos esses espaços nos quais a difusão do capitalismo se faz presente, perpetuando as raízes de um sistema que se constrói na precarização da vida, sobretudo a precarização da vida dos sujeitos historicamente desprotegidos socialmente.

Neste artigo, abordamos a atuação dos assistentes sociais na política educacional, com ênfase na promoção de práticas antirracistas, não apenas dentro da educação formal, mas também considerando a educação em um sentido mais amplo, que inclui práticas educativas e formativas dentro e fora das escolas. Inicialmente, discutimos o contexto histórico e social do racismo estrutural no Brasil e como ele permeia o sistema educacional formal. Em seguida, analisamos o papel do/a assistente social na educação, enfatizando tanto sua atuação no ambiente escolar quanto em espaços de educação informal e comunitária, destacando as estratégias utilizadas para combater o racismo. Por fim, apresentamos estudos de caso e práticas exitosas que demonstram como o Serviço Social pode contribuir para uma educação antirracista e para a construção de uma sociedade justa e igualitária. Ao longo do texto, buscamos evidenciar que a intersecção entre educação e Serviço Social vai além do ambiente escolar, pensando que “a educação como dimensão da vida social possui um caráter ontológico, ou seja, constitutivo dos modos de existência humana, do ser social, da organização da vida em sociedade.” (Almeida, 2007, p.2)

2 Desafios e Perspectivas: Educação e a Pessoa Negra

"A pobreza, a miséria e principalmente, a desigualdade são fenômenos que remontam à própria criação do Brasil, e têm raízes na questão racial" (Theodoro, 2022 p.15). Isso ocorre principalmente devido aos mais de 400 anos de escravidão no Brasil, período durante o qual o inconsciente coletivo converteu o ódio aos negros em um padrão duradouro de discriminação, exclusão e perpetuação de sua condição subalterna. Fonseca (2022) discute que os diferentes, os opositores, os degredados e os marginalizados são construções sociais e científicas impostas como realidades por aqueles que detêm o poder de colocá-los em condições vexatórias e prisionais, afastando-os do sistema hegemônico.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

[...] O mais revelador desse processo é a busca por marcadores de distinção que levam ao afastamento, ao apagamento e à invisibilidade dos sujeitos submetidos a essa condição vexatória e prisional, retirando-lhes o poder de ser, de estar, de ter, de viver e de continuar em uma comunidade de prestígio, com um sentimento de pertencimento valorizado.[...] (Fonseca, 2022, p. 32)

Desta maneira, a história de resistência, luta e a riqueza cultural são suprimidas “[...] são deslocados compulsoriamente por uma força maior, violenta e sistêmica para a margem do sistema hegemônico. [...]” (Fonseca, 2022, p.32)

Com isso, fica nítido que as teorias evolucionistas, o darwinismo social e a eugenia da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX eram falsas teses, mentiras científicas. Essas teorias visavam apenas atender às necessidades ideológicas da época, inclusive as anteriores, para legitimar o escravismo, o colonialismo, o imperialismo e as violências perpetradas pela Europa Ocidental nos continentes africano, americano, asiático e oceânico ao longo do século XX, culminando inclusive nas três grandes guerras, as duas primeiras "quentes" e a terceira "fria", principalmente no hemisfério Norte. (Fonseca, 2022, p. 31)

Este apagamento sistemático da população negra através da escravização remonta o presente desta população. Como ressalta Gonçalves (2018), o negro é considerado como a “escória da escória” do exército industrial de reserva. Sendo assim, a precariedade dos trabalhos, a desproteção social, o encarceramento massivo são rebatimentos da questão social que se direcionam, muitas vezes, exclusivamente para pessoas negras. (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023) Sendo assim, o presente se remonta com as roupas do passado, ditando o lugar do negro e de todas aquelas pessoas que não fazem parte da cishnorma.³

Dado o exposto, os/as negros/as jamais assumiram a condição de sujeitos políticos importantes, mesmo porque, historicamente, a luta antirracista no Brasil foi mistificada como uma luta cultural, e realizada – única e exclusivamente – para a inclusão dos/as negros/as na sociedade de classes. A afirmação da luta antirracista no Brasil, como a expressão de um lugar do/a negro/a – determinado pelo racismo constituído no âmbito do capitalismo brasileiro – à margem da cidadania regulada e dos processos organizativos a que são vinculadas as respostas do Estado à “questão social”, é ponto de partida para o reconhecimento de uma realidade ainda pouco analisada. (Martins, 2017, p. 3)

³O conceito de cishnorma refere-se à suposição e à valorização social de que todas as pessoas são ou devem ser cisgênero, ou seja, identificar-se com o gênero atribuído ao nascimento. Isso implica na marginalização e não reconhecimento das identidades de gênero que não se encaixam nessa norma, como pessoas transgêneras e não-binárias.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Essa realidade pouco analisada, como traz Martins, é crucial para que se mantenha a irracionalidade do racismo (Fanon, 2019), para se perpetuar a preconceição do trabalho e se manter o ideário de subalternização das pessoas negras. Essa violência construída ao longo dos séculos coloca o negro em um termo que Frantz Fanon (2019) vai chamar de “não lugar”, economicamente, socialmente e politicamente. Lugar onde a sua palavra é cerceada pelo inconsciente e consciente coletivo de uma sociedade que ainda vive e reflete o período colonial em toda sua estrutura.

No Censo do IBGE (2022) o que se constata é que 55% da população é parda ou preta, sendo 10% autodeclarados negros e 45% declarados pardos. Compreendendo que o pardo constitui o ser negro, o que temos é mais da metade da população brasileiro enquanto negra. A definição de "negro" abrange tanto indivíduos autodeclarados como pretos quanto pardos, de acordo com o critério de cor ou raça utilizado pelo IBGE e estabelecido também pelo Estatuto da Igualdade Racial.

Neste cenário, a reflexão sobre a transformação social ganha ainda mais relevância. Conforme ressalta Jacinto (2017), "a revolução, como mudança total e profunda dos sistemas sociais, começa a ser realizada todos os dias, em todos os lugares, é um processo que pode ter início em âmbito educacional, cotidiano e molecular." Essa revolução não depende de grandes eventos ou líderes carismáticos, mas sim dos pequenos atos do cotidiano. Cada gesto de resistência, cada aprendizado compartilhado são os alicerces dessa revolução em constante movimento. A articulação entre o reconhecimento histórico e as ações cotidianas é essencial para a construção de uma sociedade humanamente emancipada, diversa da capitalista, onde a contribuição das pessoas negras seja valorizada e as desigualdades históricas finalmente superadas.

Um campo fundamental que pode contribuir significativamente para a luta antirracista é a política de educação. Para compreender como, é necessário entender as contradições presentes nessa política. É preciso analisar essa realidade de forma crítica, entendendo a educação não apenas como uma finalidade, mas como um espaço que abrange o ambiente escolar e, ao mesmo tempo, uma dimensão ontológica essencial para alcançar uma nova ordem social.

A educação é um complexo constitutivo da vida social, que tem uma função social importante na dinâmica da reprodução social, ou seja, nas formas de reprodução do ser social, e que numa sociedade organizada a partir da contradição básica entre aqueles que produzem a riqueza social e aqueles que exploram os seus produtores e expropriam sua produção [...] Integra, junto com outras dimensões da vida social, o conjunto de práticas sociais necessárias à continuidade de um modo de ser, às formas de sociabilidade que particularizam uma determinada sociedade. (Cfess, 2014, p. 16).

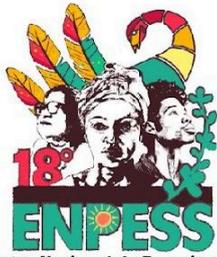
Como um campo de disputa, a educação se constrói a partir de uma perspectiva hegemônica burguesa, formal, que tende a marginalizar ou minimizar a educação popular, especialmente no que diz respeito à formação cultural dos indivíduos que frequentam as escolas. A educação popular transcende os limites da escola formal, oferecendo uma forma de educação que pode transformar e formar consciências, ocorrendo em diversos contextos e sendo realizada por profissionais de diferentes áreas. Em contraste, a educação formal quando focada apenas no acúmulo teórico e conteudista, distancia os sujeitos do processo de aprendizagem.

Assim, pode-se afirmar que a educação é um espaço onde as classes mais favorecidas encontram possibilidades de manter as classes empobrecidas em situação de subalternidade. Contraditoriamente, o processo educacional tem o potencial de promover reflexões críticas sobre as desigualdades e estruturas sociais, questionando e desafiando as dinâmicas de poder estabelecidas.

O que está fora de questão na lógica capitalista é qualquer perspectiva que desafie suas premissas fundamentais. O que se propõe para as populações mais empobrecidas, em sua maioria negras, é a alienação, que contribui para a formação de novos membros do exército industrial de reserva (Marx, 2001). No Brasil, o ambiente educacional para os pobres é muitas vezes visto como um espaço de breve passagem, onde rapidamente se aprende a ocupar uma posição subalterna na lógica do mercado de trabalho capitalista. Portanto, ao se pensar a política educacional como um meio de construir pontes para a emancipação humana, é fundamental que ela esteja alicerçada em uma dimensão educativa crítica, que confronte a mercantilização da vida.

A dimensão educativa crítica envolve a construção de meios para fortalecer a população, promovendo a participação e intervenção nas diversas esferas da sociedade na luta pelos anseios e interesses da sua classe social. Trata-se de mobilizar, capacitando e organizando essas comunidades para romper com a ordem intelectual e moral do capital e construir uma nova cultura, considerando a consubstancialidade entre raça, classe e gênero, compreendendo-as como interdependentes, desenvolvendo-se e reproduzindo-se simultaneamente e influenciando-se mutuamente (Cisne, 2017).

Essa nova cultura enfatiza a criação de práticas educativas consubstanciadas no estabelecimento de vínculos e compromissos com a perspectiva societária das classes subalternas, fundamentada nas conquistas emancipatórias da classe trabalhadora (Douz, Hespanhol, Pimentel, 2020), o que implicará em reivindicações e tensionamento por parte dos trabalhadores sobre as condições de vida que lhes é condicionada. Quando os trabalhadores



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

reivindicam seus direitos dentro desta sociabilidade, isto significa que os indivíduos estão ampliando a sua intelectualidade, que na perspectiva gramsciana, significa o discernimento sobre as contradições vividas dentro do sistema capitalista e sua participação na mudança estrutural social, econômica e cultural, trazendo, assim, maiores condições de enfrentamento da realidade social.

3 A Atuação dos/as Assistentes Sociais na Educação: a dimensão educativa do Serviço Social

A presença crescente de assistentes sociais na educação é resultado direto da atuação política contínua do Conjunto CFESS-CRESS desde os anos 2000, em que buscaram sistematizar e apresentar a importância do profissional em Serviço Social na política de educação. Contudo, pensar parâmetros para atuação deste profissional na política de educação se coloca como um desafio para o Serviço Social. Devido a complexidade das demandas no que diz respeito aos níveis de educação escolar (Educação básica: que engloba a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio) e a construção da política de educação na história brasileira a categoria dispõe ainda de pouco acúmulo sobre o tema que justificasse essa forma de orientação do exercício profissional, tal como ocorreu, por exemplo, na construção dos parâmetros para a atuação profissional nas políticas de assistência social e saúde. (CFESS, 2014, p.8) Por isso, ao refletirmos sobre o trabalho do assistente social na educação numa perspectiva antirracista, é crucial que se reconheça os desafios relacionados à complexidade e diversidade da política educacional e da disputa de interesses ideológicos que o Estado burguês tem para com esta política.

O sucateamento da permanência material e simbólica⁴ das escolas públicas, o desmonte do currículo escolar básico em que não se coloca como necessidade o ensino de matérias como filosofia e sociologia, montam quais as perspectivas do Estado para com a população mais empobrecida, sendo esta a população que mais acessa as escolas públicas. (SEMEESP, 2021). Essas políticas refletem uma tendência de desvalorização do ensino público e, conseqüentemente, uma restrição ao acesso à educação de qualidade para os setores mais vulneráveis da sociedade.

⁴ Permanência simbólica dialoga com a o pertencimento ao espaço o quão o espaço acolhe a diversidade (raça, classe, gênero).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Nesse contexto, compreendendo que o trabalho do(a) assistente social posiciona-se essencialmente no campo político-ideológico (Jacinto, 2017) o papel do assistente social na educação é de constante tensionamento contra as investidas neoliberais que a incidem e perpetuam as diversas disparidades sociais, como o racismo. Promovendo uma reflexão crítica sobre a ideologia dominante e estimulando a mobilização social no enfrentamento da questão racial, que é o nó da questão social (Gonçalves, 2018), pela “construção, materialização, consolidação dos direitos sociais, como uma mediação para a construção de uma outra sociabilidade” (Cfess, 2014, p.27)

Compreende-se que o/a assistente social precisa cumprir as determinações das instituições onde trabalha. No entanto, é sabido que a autonomia profissional se torna imprescindível em qualquer espaço ocupacional, especialmente quando estamos na defesa intransigente dos direitos dos trabalhadores.

O assistente social, com outros profissionais, contribui para a criação de consensos na sociedade. Esses consensos são em torno de interesses de classes fundantes, ou seja, dominantes e dominadas, reforçando a hegemonia vigente ou criando uma contra-hegemonia no cenário da vida social. (Martins, 2012, p. 210)

Através da dimensão educativa, que se articula intrinsecamente com as dimensões técnico-operativa, teórico-metodológica e ético-política do Serviço Social, a profissão dispõe de todos os instrumentos necessários para a implementação de ações antirracistas no ambiente escolar. Essas ações são essenciais para uma ampliada e compromissada discussão sobre a questão racial e seus profundos impactos na sociedade.

No contexto escolar, onde o cotidiano desempenha um papel crucial na formação de preconceitos, como destaca Agnes Heller (2008), a intervenção do Serviço Social deve ser conduzida de maneira educativa e transformadora, a qual está alicerçada em uma educação como prática de liberdade. A função pedagógica do/a assistente social, desenvolvida no contexto das práticas educativas formadoras de cultura, se insere nesse processo, refletindo, na perspectiva gramsciana, a relação entre a racionalização da produção e do trabalho e a formação de uma ordem intelectual e moral sob a hegemonia de uma classe dominante. (Douz, Hespanhol, Pimentel, 2020). Desta forma, a atuação do/a assistente social na escola pode não apenas confrontar os preconceitos enraizados no cotidiano escolar, mas também desafiar e transformar as bases culturais e intelectuais que sustentam a hegemonia dominante, promovendo uma educação que emancipa e liberta.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A ação educativa, portanto, implica na transformação da identidade do sujeito através do intercâmbio de experiências e saberes, promovendo reflexões sobre o próprio processo de vida. O Serviço Social, inserido nas atividades que moldam a cultura humana, desempenha um papel central nas relações de sociabilidade culturalmente estruturadas. Integrando áreas teórico-metodológicas, essa prática possibilita um aprendizado qualitativo, essencial para as intervenções do/a assistente social, que busca operar nos modos particulares de vida dos sujeitos com o objetivo de ampliar sua intelectualidade.

Refletir sobre a dimensão educativa à luz do projeto ético-político profissional é uma tarefa urgente, dado seu impacto na complexidade e relevância da prática. Nesse contexto, a função educativa emerge como uma dimensão indispensável no Serviço Social (Douz, Hespanhol, Pimentel, 2020). A recente aproximação do Serviço Social ao campo educacional pode, portanto, ser entendida como resultado dos avanços e acúmulos teóricos da profissão, especialmente nas discussões sobre as políticas sociais como um espaço central para a atuação profissional. Além disso, essa aproximação reflete a organização política da categoria e suas estratégias de articulação com os movimentos sociais que buscam construir um novo projeto societário, no qual a luta pela cidadania se tornou um elemento essencial para a coesão da profissão (Ney, 2003).

Isso exige que o/a assistente social adote um posicionamento ético e político nítido, indo além da mitigação das desigualdades existentes. É necessário que o/a profissional tenha um conhecimento abrangente das políticas sociais e suas diferentes formas de operacionalização, sendo capaz de articular a relação entre escola e sociedade. Tal articulação contribui para a integração dos projetos e ações das políticas que atendem crianças e adolescentes com o ambiente escolar (Martins, 2012).

À medida que acumulamos mais conhecimento teórico e prático, é possível nos posicionarmos como agentes essenciais nesse campo profissional. Esse avanço é fundamental para ampliar as perspectivas da profissão e garantir uma abordagem crítica na implementação e avaliação das políticas públicas. O objetivo é enfrentar a sociabilidade do capital e construir coletivamente, como intelectuais orgânicos, uma nova ordem social que seja antirracista, anticlassista e antissexista. Que se faça da educação, um ambiente tão necessário para a transformação desta sociabilidade, um terreno fértil dessas possibilidades.

3 CONCLUSÃO



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A hegemonia, segundo a perspectiva gramsciana, desempenha um papel pedagógico crucial na constituição ideológica das classes subalternas. Esse processo não apenas afirma a posição dessas classes, mas também busca superar sua condição de subalternidade, contribuindo para a construção de uma nova ordem social. No projeto societário emancipador das classes subalternas, a construção de uma contra-hegemonia é fundamental. Essa construção ocorre por meio da ação desenvolvida nos processos de formação de uma consciência crítica que vá além do senso comum, trazendo à tona debates indispensáveis para a transformação social.

Para a construção dessa nova ordem societária emancipadora, é necessário reconhecer que muitos esforços coletivos são exigidos. Nesse contexto, diante da predominância do capital, o assistente social, como intelectual orgânico, ao se inserir nesse campo contraditório, deve buscar alternativas que promovam formas emancipadoras de consciência social. Essas ações contribuem para a qualificação da participação política, da mobilização e da organização política das classes subalternas, reforçando a construção de uma nova ordem social.

Neste sentido, a atuação do assistente social na política de educação surge como um caminho privilegiado para essa realização. Através da política de educação junto da instrumentalidade crítica da profissão, podemos cultivar pensamentos críticos, promover a equidade de oportunidades e desenvolver cidadãos conscientes e engajados na construção de um mundo justo e humano.

A instrumentalidade crítica do Serviço Social dentro da política de educação dialoga com uma prática profissional que aborda o sexismo, o classismo e o racismo não apenas como “injustiças” do passado, mas também como questões contemporâneas a serem superadas. Ao enfrentarmos essas desigualdades, fortalecemos os alicerces para uma nova ordem societária mais justa e equitativa.

Por isso a importância e urgência no que diz respeito ao trabalho antirracista do assistente social na educação. A atuação do assistente social na política de educação surge como um caminho oportuno para promover a conscientização sobre a importância histórica e as contribuições do povo negro.

A história nos mostra que o povo negro foi e continua sendo essencial na formação e na evolução da sociedade. Suas contribuições abrangem desde os alicerces da economia até os avanços culturais e intelectuais. Negar o papel do negro é ignorar uma parte significativa da própria história e das bases sobre as quais nossa sociedade se sustenta. Um povo que não conhece, não compreende e não apreende sua história tende a reproduzi-la e ao reproduzi-la, o



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

que se tem é a preservação de um sistema que se dá a partir das disparidades sociais, mas sobretudo na alienação e distanciamento dos indivíduos em relação à sua própria história e às condições reais de existência que moldam suas vidas. Isso significa entender que tanto as pessoas quanto suas atividades e criações possuem uma dignidade própria, independentemente de sua utilidade imediata ou de sua capacidade de gerar lucro ou eficiência para este sistema.

Por meio de interações moleculares, trocas de ideias, transformação material, os/as assistentes sociais podem atuar no sentido da emancipação humana, que envolve a transformação das estruturas sociais desiguais que perpetuam todas as formas de opressão. Através do olhar crítico, sensível e combativo, juntamente da luta coletiva ao lado da classe trabalhadora, a fim de enfrentar a dinâmica perversa deste sistema, os/as assistentes sociais, enquanto educadores que são, podem desenvolver um trabalho em direção a uma sociedade justa, que respeite e valorize a diversidade e supere a desigualdade.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

4 REFERÊNCIAS

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2023. Disponível em:

\<<https://forumseguranca.org.br/>>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

DE PAULA, Aline Batista. "**Educação, Racismo e Serviço Social: A Lei 10.639 como Possibilidade de Construção de uma Educação Antirracista**". 2018. Disponível em:

\<<https://www.bing.com/ck/a?!&&p=d6e8829ac44af1b0JmltdHM9MTcxMzMxMjAwMCZpZ3VpZD0yMWJINjBkOC01NzMxLTZiMDQtMzRiMi03NGU0NTZmZjZhNGlmaW5zaWQ9NTIwMg&pfn=3&ver=2&hsh=3&fclid=21be60d8-5731-6b04-34b2-74e456ff6a4b&psq=EDUCAÇÃO%2c+RACISMO+E+SERVIÇO+SOCIAL%3a+A+LEI+10.639+COMO+POSSIBILIDADE+DE+CONSTRUÇÃO+DE+UMA+EDUCAÇÃO+ANTIRRACISTA&u=a1aHR0cHM6Ly9wZXJpb2Rpb29zLnVmZXMuYnIvYWJlcnhzL2FydGlibGUvdmlldy8yMjYyMS8xNTEwNjE0&ntb=1>>. Acesso em: 15 de Abril de 2024.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GONÇALVES, Renata. **Quando a questão racial é o nó da questão social**. 2018. Disponível em: \<<https://www.scielo.br/j/ci/a/cKcJKfgZ9qzktWykm3wdbqB/?lang=pt>>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: \<<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

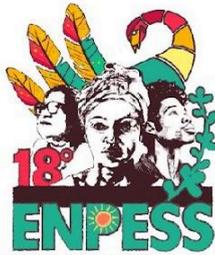
IPEA. **Atlas da Violência 2022**. Versão 2.7. Disponível em:

\<<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>>. Acesso em: 16 de abril de 2024.

JACINTO, Adriana Giaqueto. **Trabalho socioeducativo no Serviço Social à luz de Gramsci: o intelectual orgânico**. 2017. Disponível em:

\<<https://www.scielo.br/j/rbepa/a/kDRxbNM4HXXs4crRKYs6Sn/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de Abril de 2024.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual: Racismo e branquitude na formação do Brasil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere, Volume 2: Os Intelectuais. O Princípio Educativo.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.

FONSECA, Daogoberto José. **As Mentiras do Ocidente.** São Paulo: Selo Negro Edições, 2022.

CFESS. **Subsídios para a atuação de assistentes sociais na política de educação.** Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2014

Marx, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política - Volume 1.** Tradução de Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

MARTINS, Eliana Bolorino Canteiro. **Educação e serviço social: elo para a construção da cidadania.** São Paulo: Editora UNESP, 2012. 252 p. ISBN 978-85-3930-243-7. Available from: <http://books.scielo.org>.

SEMEESP - Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo. **Mapa do Ensino Superior:** Capítulo Especial. 11ª edição / 2021. Disponível em: <<https://www.semesp.org.br/mapa/edicao-11/capitulo-especial/>>. Acesso em: 17 jul. 2024.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. O Serviço Social na Educação: novas perspectivas sócio-ocupacionais. Disponível em: www.cress-mg.org.br/Textos/textos_simposio/2007.05.19_plenaria8_neyteixeira.doc. Acesso em: 13 ago. 2024.